



BANCO DO BRASIL

TELECONFERÊNCIA DE RESULTADOS

1T2020

OPERADOR - Bom dia a todos. Obrigado por aguardarem. Sejam bem-vindos à teleconferência do Banco do Brasil para discussão dos resultados referentes ao 1T2020. Informamos que este evento está sendo gravado e que todos os participantes estarão apenas ouvindo a teleconferência durante a apresentação do Banco do Brasil. Em seguida, iniciaremos a sessão de perguntas e respostas quando mais instruções serão fornecidas. Caso as senhoras e senhores necessitem de alguma assistência durante a teleconferência, queiram por favor solicitar a ajuda de um operador digitando *0. Este evento também está sendo transmitido simultaneamente pela internet via webcast, podendo ser acessado no endereço www.bb.com.br/ri, onde se encontra disponível a respectiva apresentação. O replay estará disponível pelo telefone (11) 2188 0400 até o dia 15/05/2020, em português e inglês. Para acesso ao replay, você deve solicitar à operadora para ouvir a tele do BB e sua identificação será solicitada. A seleção dos slides durante a apresentação será controlada pelas senhoras e senhores. Conosco hoje estão os senhores Carlos Hamilton, Vice Presidente de Gestão Financeira e Relações com Investidores e Sustentabilidade, e Daniel Maria, Gerente Geral de Relações com Investidores e Sustentabilidade do Banco do Brasil.

Por favor, Sr. Carlos Hamilton queira prosseguir.

CARLOS HAMILTON - Bom dia a todos. Eu gostaria de agradecer a vocês por mais uma oportunidade de estarem aqui conosco, participando da nossa teleconferência. E pedir desculpas a vocês pelo ligeiro atraso no início da nossa conversa. A gente havia, a nossa intenção era começar às dez, mas devido a problemas alheios à nossa vontade, estamos começando um pouco atrasado. Então, sem mais delongas, eu acho que é melhor a gente ir direto ao ponto e o Daniel, vou passar a palavra ao Daniel que vai fazer uma apresentação, uma ligeira apresentação para nós. Obrigado.

DANIEL MARIA - Obrigado, Carlos Hamilton. Bom dia a todos, espero que todos estejam bem, com saúde. Eu gostaria de começar a apresentação na página 4, onde nós trazemos alguns destaques do resultado. O resultado de 2020, ele tende a ser impactado por conta dos efeitos do covid-19. De forma pró-ativa, de forma prudencial, o Banco optou por fazer provisões adicionais da ordem de R\$ 2,0 bilhões. Então por conta disso, nós mostramos



uma PCLD ampliada nesse trimestre de R\$5,5 bilhões no total, que representa um crescimento de 63,3% em relação ao 1T2019. Essa foi uma das principais razões pelas quais o nosso lucro líquido ajustado foi de R\$3,4 bilhões nesse trimestre, que representou uma redução de 20,0% em relação ao mesmo período do ano passado. Olhando para MFB, a nossa margem financeira bruta teve um crescimento de 9,9% atingindo R\$14,0 bilhões, rendas com prestação de serviços cresceu 4,0% no período 1T19 contra 1T20, chegando a R\$7,1 bilhões. E despesas administrativas cresceram abaixo da inflação, atingindo R\$7,8 bilhões, com crescimento de 2,7%.

Passando para a página seguinte, para página 5, nós trazemos um pouco mais de luz para o lucro líquido ajustado. Como eu falei, R\$3,4 bilhões, e esse lucro líquido ajustado significa uma rentabilidade sobre capital anualizada de 12,5% e uma rentabilidade sobre os ativos de 0,8%. Até por conta desse evento, talvez uma forma importante de olhar para o resultado, seria do resultado antes dos impostos e provisões que a gente mostra a geração de resultado, a geração estrutural de resultado. Nós mostramos um crescimento de 15,0% em relação ao mesmo período do ano passado e um crescimento de 7,8% quando comparado ao 4T19.

Vamos para a página seguinte, na página 6 a gente dá um pouco da dinâmica da margem financeira bruta. Nós apresentamos um crescimento de 9,9%. O 1T2019 contra o trimestre de 20. E uma redução de 1,8% quando comparado ao 4T. A MFB, a margem financeira bruta, mostra uma certa resiliência principalmente quando você considera que a taxa básica da economia apresentou uma queda de mais de 30,0%, por volta de 33,0%, quando comparado o 1T19 contra o 1T20. Isso pode ser explicado principalmente pelo comportamento das despesas com captação, despesas de captação que a gente, houve uma redução ou até mesmo que estruturalmente os nossos passivos são vinculados à taxa variável, enquanto que os nossos ativos vão à taxa fixa. A posição líquida à taxa fixa. Essa movimentação que nós observamos, o 4T contra o 1T, ele pode ser explicado principalmente pelos resultados de tesouraria, uma redução dos resultados de tesouraria, e também por receitas de operações de crédito impactado, dentre outras coisas, pela taxa básica, sim, e também pelo cap de taxa de juros para o caso do cheque especial, que veio de acordo como a gente vinha projetando.

Na página seguinte, na página 7, nós trazemos as despesas com provisão. Então aqui a gente mostra as dinâmicas e a composição dessas despesas e com destaque aos R\$2,0 bilhões que foi a provisão prudencial que nós fizemos nesse período, que eu já comentei lá no passado. Com tudo isso, o nosso custo de crédito passou de 3,15 para 3,41 nesse



trimestre.

Passando para próxima página, nós discutimos um pouco o spread global e o spread por carteira. O spread global, como falei lá atrás, ele teve uma movimentação, ele teve um crescimento quando nós comparamos 1T contra 1T. Entretanto, ele teve uma redução de 4,37 para 4,24, que ele pode ser explicado pelo menor resultado da tesouraria, como comentei lá no caso da MFB, e também pelo impacto da redução da taxa no cheque especial. Uma outra forma de olhar isso é o spread por carteira, que está na parte direita do slide. O spread da carteira total do banco, ela passa de 8,19 para 8,03. E a explicação principal é o spread com pessoas físicas, que sai de 16,44 no 4T para 15,64, e aqui é a questão do cheque especial que eu havia comentado. Quando nós olhamos o spread global ajustado ao risco, pelo risco, essa movimentação de 3,28 para 2,55 pode ser explicado pela maior provisão que nós falamos um pouco mais atrás.

Na página seguinte, na página 9, nós trazemos a carteira de crédito ampliada. Ela teve um, ela apresentou um crescimento de 5,6%, 5,8% em relação a março do ano passado e 6,5% em relação a dezembro. Só uma observação: quando nós olhamos, comparamos dezembro 19 com março 20, essa carteira teve um crescimento de R\$45,0 bilhões. Desses R\$45,0 bilhões, aproximadamente R\$22,0 bilhões podem ser explicados pela variação cambial das carteiras que têm esse componente. Isso acontece na carteira externa, como a gente observa aqui, na carteira de governo, porque a carteira de governo tem uma série de empréstimos vinculados a isto. E outras linhas como a CC e a CF, financiamento à exportação. O destaque para o crescimento da carteira foi o crescimento da MPME que teve um crescimento de 12,0%, e de pessoas físicas com 9,0%. Nesse trimestre, nós tivemos uma movimentação que a gente vai discutir um pouco mais adiante, principalmente no segmento de grandes empresas, que está dentro dessa linha, dessa barra cinza, mas, como falei, vamos discutir um pouco mais de detalhes lá na frente.

Na página seguinte, nós trazemos, na página 10, nós trazemos a carteira de pessoas físicas, ela teve um crescimento de 9,6%. Eu colocaria como destaque essa parte amarela, aqui amarela um pouco mais escuro, que é o empréstimo consignado chegando a 84,5%, isso foi um crescimento de 16,4% quando nós consideramos com março 19, e empréstimos pessoais, que teve um crescimento de 36,0%, chegando a R\$11,6 bilhões. Um detalhe que eu acho que é importante, os empréstimos pessoais, o desembolso que ocorreu no 1T2020, 41,5% foi feito via app.

Na página seguinte, nós trazemos aqui a discussão da carteira pessoa jurídica. Como havia falado, nós tivemos um aumento na carteira, em especial, quando nós comparamos



de dezembro em relação a março. Nós temos algumas dinâmicas, por exemplo, a carteira de governo, que está dentro da carteira de pessoa jurídica, que de 44 passou para 52, e isso pode ser explicado pela variação cambial, que eu havia comentado; e a carteira de grandes empresas, ou seja, empresas com faturamento acima de R\$200,0 milhões, que passou do R\$138,0 bilhões para R\$154,0 bilhões. Isso pode ser explicado basicamente pela própria dinâmica do mercado. O mercado de capitais reduziu a atividade, esse grupamento de preços que a gente vinha atendendo, via mercado de capitais teve uma demanda maior e nós endereçamos essa demanda com operações, inclusive que a gente espera que com a reabertura de mercado de capitais tende a voltar àquela dinâmica de migração para o mercado de capitais. Quando nós olhamos a carteira como um todo de pessoa jurídica, nós observamos um crescimento de 68,0% em conta garantida, 17,0% em recebíveis e 9,2% em capital de giro. Nesse quadro destacado aqui, nós mostramos a carteira de MPME, como que ela evoluiu. A carteira de MPME, ela vem com uma dinâmica que a gente vem discutindo, inclusive nas últimas divulgações, e principalmente com o perfil de mais curto prazo, com pressões de capital de giro baseado em recebíveis e assim por diante.

Passando para página seguinte, na página 12, nós trazemos a dinâmica do agronegócios. A carteira de agronegócios, ela teve uma redução de 0,7% quando a gente compara com março 19, um crescimento em relação a dezembro. Só que aqui tem a dinâmica do agroindustrial, que é essa parte marcada em amarela e a dinâmica do empréstimo rural. O empréstimo rural, ele tem crescido a participação na carteira e o agroindustrial reduzido, que é muito parecido com aquele processo do large corporate ou das grandes empresas que a gente havia comentado. Esse crescimento no rural, a gente tem uma participação, um *market share* em empréstimos rurais de 64,0%, e os destaques da composição dessa carteira, principalmente nos casos dos CPFs e garantias, que observou um crescimento de 60,0% em relação a março do ano passado, e 80,0% dessas contratações que ocorreram só no 1T foram feitas via app. Então isso mostra o esforço do digital e como que isso vem refletindo nessas carteiras. 3,9% relacionado a custeio e, dessa carteira, nós temos 52,0%, arredondando para cima, com algum tipo de mitigador. Eu estou me referindo somente ao Plano Safra e aí você tem vários tipos de indicadores, seja indicadores de preços, eventos climáticos e assim por diante.

Passando para página seguinte, na página 13, nós mostramos a qualidade da carteira e qual foi a dinâmica no índice de inadimplência. A inadimplência, ela mostrou uma redução de 3,27 para 3,17, inclusive quando comparada com o sistema, o sistema ficou em 3,20. Isso incluindo o caso específico. Quando nós excluimos o caso específico, a inadimplência



fica na casa de 2,52. Em termos de cobertura, com todo esse processo que a gente naturalmente vem fazendo das provisões e essas provisões adicionais, ou prudenciais, que nós fizemos, nós chegamos a um nível de cobertura de 200,0% quando incluímos o caso específico. E se excluimos o caso específico, com 251,0%. Em relação ao sistema, o sistema ficou em 193,0%. Abrindo esse índice de qualidade de carteira por segmento, nós observamos um movimento da inadimplência no segmento de pessoas físicas, partindo de 3,41 em dezembro para 3,71, em termos de cobertura, nós saímos de 199,41 para 199,24. De certa forma esse movimento que foi observado na inadimplência, em relação às provisões, a gente pode até associar algumas provisões extraordinárias que nós fizemos lá no final de 2019, então, a gente acelerou boa parte dessas provisões e mesmo que você mostre impactos em termos de inadimplência isso já estava preparado quando nós fizemos aquela provisão no passado. Quando nós olhamos para carteira PJ, o comportamento da inadimplência tem mostrado uma redução, atingindo 2,83 e quando nós excluimos o caso específico, 2,16, em termos de cobertura uma elevação para 283. E o agronegócio, a inadimplência chegou a 3,57, incluindo o caso específico também de reestruturação, e quando nós vamos para o índice de cobertura nós temos 114 com o caso; e 200,0% excluídos esses casos.

Na página seguinte, na página 15, nós trazemos a dinâmica da formação da inadimplência. Nós tivemos a inadimplência, em termos de formação de inadimplência, 0,82% do new NPL, que nós mostramos aqui, isso explicado principalmente pelo comportamento da carteira PF. Em termos da cobertura desse new NPL por provisões feitas, nós ficamos com 126. Eu queria só observar que no 2T e no 3T nós tivemos o início da recuperação judicial daquele grande grupo que explica um pouco esse movimento da formação da inadimplência que a gente observa aqui. Então isso conversa diretamente com o gráfico ao lado onde nós mostramos, por segmento, e no segmento PJ e agro, essa linha pontilhada é justamente as posições excluindo e incluindo esse caso. No 4T19, nós tivemos alguns eventos que foram colocados pra perdas que explicam um pouco essa nova inadimplência um pouco mais baixa nesse período aqui.

Passando para página seguinte, na página 16, só uma grande dinâmica da prestação de serviços. Nós tivemos um crescimento de 4,0%, 1T19 contra o 1T20, e com crescimento em algumas linhas que a gente coloca como destaque aqui.

Na página seguinte, na página 17, a gestão da eficiência e a questão da própria gestão ambiental. O nosso índice de eficiência chegou a 36,0%, quando nós olhamos as despesas administrativas, a dinâmica das despesas administrativas, elas cresceram em linha com a



inflação, e a gente tem uma dinâmica muito centrada na questão de controle de custos e buscar a eficiência, tanto é que nós mostramos aqui no gráfico de cobertura das despesas administrativas pelas receitas de serviços que nós atingimos 93,3%. Só uma observação, isso mostra um pouco como que a gente vem trabalhando essa questão de eficiência operacional com gestão ambiental é a questão das usinas, da fazenda de usina solar, que nós inauguramos no início desse ano, no 1S desse ano. Essa é uma primeira de uma série de outras usinas que estão em desenvolvimento. Isso ajuda a mudar a matriz energética do Banco e indo para uma energia mais limpa, e também traz ganhos de eficiência e ganhos de economia.

Na página seguinte, na página 18, nós trazemos a dinâmica de capital. Nós chegamos a 9,98% de CET1, nesse trimestre, e na parte de baixo desse gráfico, nós colocamos um pouco da dinâmica do que ocorreu nesse período. Primeiro, teve um maior com o crescimento da carteira e por outros fatores também, a gente teve um consumo de RWA de 84bps que a gente coloca aqui. Tivemos alguns efeitos de regulação, por exemplo a resolução 4784, que ela muda um pouco a dinâmica do consumo de capital por conta de créditos tributários, em especial relacionado a hedge fiscal, isso nos deu um ganho de 36bps. E nós também tivemos um efeito do atuarial. O atuarial com a reprecificação de algumas variáveis, o atuarial com atualização de algumas variáveis da nossa posição atuarial, isso trouxe uma contribuição positiva de 31bps. Com toda a combinação desses fatores, a gente teve uma movimentação de capital praticamente flat. A gente reforça a nossa meta de capital de capital principal, no mínimo de 11,0% para janeiro 22. Isso está nas documentações corporativas do banco, e está em todas as decisões que a gente coloca, que a gente toma.

Na página seguinte, só falar um pouquinho da aceleração do uso digital. O Banco vem fazendo investimentos no digital e na experiência dos clientes há muito tempo, a gente vem falando sobre isso, a gente vem conversando com vocês. Nosso app, ele é o mais avaliado consistentemente pelo mercado com o número bastante significativo de avaliações tanto na loja Google, como na loja da Apple, e a nossa estratégia de omnichannel, ou seja, você lançar produtos que você utilize diferentes canais e esses canais se inter-relacionam, é uma coisa que vem de muito tempo. E esse movimento, essas decisões que nós fizemos, esses investimentos nos colocou numa posição bastante relevante justamente para você evitar o impacto que nós observamos nesses momentos de ruptura, ou evitar uma ruptura no atendimento, com a questão do isolamento social. Alguns números a gente observou nesse processo digital. Por exemplo, no 1T19, nós comentamos que quase 81,0% das nossas transações já eram feitas pelo app e pela internet. A gente viu um crescimento de 3,7%



nesse trimestre, e chegando a 84,5%. Um outro processo também, estamos vendo maior uso dessa questão dos cartões com MFC e também por conta dos instrumentos utilizados no celular, mas nós vimos um crescimento, nós temos mais de 6,0 milhões de cartões emitidos nesse período. E também uma outra coisa que nós observamos foi o crescimento na abertura das contas fáceis. Se eu comparo o 1T do ano passado com o 1T desse ano, tive um crescimento de 52,0% nessas contas e nós atingimos 4,5 milhões de contas abertas, a tal da conta fácil, que é uma conta do ativo digital.

Na página 20, nós trazemos alguns pontos com relação a atuação do Banco, com todos esses desafios que a gente tem enfrentado. Primeira coisa, o Banco do Brasil é uma instituição de mais de 100 anos, mais de 200 anos para ser justo. E nós temos mais de 70,9 milhões de clientes, nós estamos presentes em 98,9% das municipalidades como próprios, ou compartilhados, com 62,5 mil pontos de atendimento. Nós temos 97 mil colaboradores, mais de 97 mil colaboradores. Isso se você começa a colocar fornecedores e usuários, o Banco tem uma posição muito relevante na economia brasileira. Isso traz responsabilidades e principalmente uma responsabilidade sócio-ambiental em momentos como esse. Quando vocês observarem no nosso relatório de administração, nós fizemos uma prestação de contas para os nossos stakeholders das iniciativas que nós fizemos. Aqui eu só pontuo algumas coisas. Primeira coisa é o compromisso e a centralidade no cliente, e eu acho que durante esse processo, nessas últimas semanas a gente vem trabalhando para reduzir a ruptura, ou não trazer ruptura, para o atendimento dos nossos clientes. Em alguns casos que são necessários priorizando atendimento digital, mas alguns casos que são necessários o atendimento presencial, fazendo de forma responsável, com muito cuidado com a saúde dos funcionários e dos clientes nesse processo, tendo medidas de higienização e assim por diante, ou organizando formas para você mitigar os impactos. O atendimento remoto cresceu significativamente no Banco e a gente rapidamente colocamos alguns instrumentos que a gente já vinha utilizando como atendimento por WhatsApp, mais de 10 milhões de atendimentos e efetuados por meio desse canal. Nos nossos canais digitais bem desenvolvidos, nós trouxemos mais soluções, por exemplo, simplificação e até mesmo no caso das prorrogações que foi uma demanda do mercado como um todo, fazendo isso digitalmente, de forma que as pessoas e os clientes não precisem ir para agência. Eu acho que por outro lado também, uma preocupação muito grande da instituição com seus colaboradores. Utilizando teletrabalho, a orientação aos funcionários, identificando os grupos de risco, colocando os grupos de risco, dando maior atenção e realocando e sendo muito ágil para tomar as medidas e fazendo os ajustes necessários. Só para referência, nós temos um comitê de crise que se reúne diariamente e também,



além disso, o Conselho Diretor, para revisar todos esses movimentos e os ajustes necessários. As ações sociais feitas por meio do Banco do Brasil, por meio da sua fundação, e alguns exemplos, tem várias outras, a gente dá muita informação no nosso relatório anual por meio da Fundação Banco do Brasil e doações que foram feitas pelo grupo Banco do Brasil. E também, acho que é um ponto importante, que você mantenha uma base, o Banco capitalizado e com uma liquidez que você dê segurança para todo sistema, principalmente tendo essa posição relevante.

Por fim, eu chego na página 21, onde a gente fala um pouco do guidance. A propósito, o guidance foi suspenso para 2020, enquanto a gente tem maiores dificuldades para construir projeções, uma vez que as variáveis tem muita volatilidade, mas só como uma prestação de contas, olhando para o guidance que até então nós tínhamos e como foi o comportamento, pelo menos no 1T e anualizando. A grande questão, aqui eu passaria para PCLD ampliada, nós esperávamos uma PCLD ampliada de R\$10 bi a R\$13 bi. Nesse 1T nós fizemos R\$5,5 bi, basicamente metade do que a gente previa para o ano todo, nós fizemos nesse 1T. E de forma prudencial como nós tínhamos colocado. Isso certamente teve um impacto no lucro líquido ajustado. Relembrando, a gente esperava R\$18,5 bilhões a R\$20 bilhões, nós fizemos R\$ 3,4 bilhões. Em termos atualizados, dá para ver que ficou abaixo. E aqui o comportamento das outras linhas. Bom, dito isso, acho que a gente já pode passar para as perguntas e respostas. Obrigado pela atenção.

OPERADOR - Senhoras e senhores, iniciaremos agora a sessão de perguntas e respostas. Para fazer uma pergunta, por favor digitem *1.

Nossa primeira pergunta vem do senhor Marcelo Telles, do Credit Suisse.

MARCELO TELLES - Bom dia, Carlos, bom dia Daniel, obrigado pela oportunidade. Eu tenho duas perguntas. A primeira, em relação ao provisionamento do covid-19 no trimestre, vocês expressaram as premissas, fizeram o contingenciamento e tudo, como é que deveria pensar na evolução dessas provisões para frente? Você acha que isso, pelo menos no curto prazo, vamos dizer que melhora a provisão do curto prazo para vocês? Ou vocês acham que essas provisões são suficientes para lidar com o problema? Eu pergunto isso, porque quando a gente olha a análise de estresse que o Banco Central divulgou, o volume de provisão nesse cenário de estresse, considerando os setores que foram diretamente impactados, na verdade é bastante grande, estamos falando de quase 30,0%, se olhar a parte do PJ, por exemplo, é o setor que teria um montante de crédito diretamente afetado pelo covid. Se puder elaborar um pouco sobre a perspectiva de provisões para frente seria interessante. Um outro ponto em relação a Previ, vocês agora no 1T, vocês fizeram a



marcação a mercado da Previ o que normalmente é feito no 2T e 4T, e obviamente a boa notícia o fato de ter contribuído positivamente para seu capital. Por outro lado, quando a gente olha a variação da LTLB no período, a gente viu que a LTLB piorou no 1T cerca de 90bps e o aumento na taxa de desconto para descontar o passivo de vocês foi de 150bps. Eu queria entender um pouquinho qual foi o racional para vocês usarem uma taxa de desconto superior à taxa da LTLB, que imagino que isso também ajudou a ter esse ganho de 30bps aí no tri. E se vocês pretendem rever essa taxa em algum momento para ficar um pouco mais pari passu com a taxa atual da LTLB. Se puderem endereçar esses dois pontos, eu agradeço. Obrigado.

CARLOS HAMILTON - Obrigado, Marcelo, eu vou iniciar, depois o Daniel certamente pode complementar, adicionar ao que eu vou falar. Sobre a questão do provisionamento, antes de entrar diretamente nela, eu gostaria de elaborar um pouco ao que o Daniel já mencionou, a questão da composição da nossa carteira. O Banco tem uma carteira de crédito, 1/3 aproximadamente do crédito é agronegócio, e dos três setores da economia, certamente o setor primário é o menos alcançado pela crise. E olhando numa perspectiva de longo prazo, tem de longe, de longe, de décadas, umas últimas quatro décadas eu diria, sido o setor mais dinâmico da economia brasileira. Então, não desconsiderando o fato de que a crise é séria, a gente avalia que o crédito concedido ao agronegócio está razoavelmente protegido na comparação com o crédito provido dos outros setores. O segundo ponto é a questão do crédito PF, praticamente 1/3 do nosso crédito PF é consignado. E esse crédito é praticamente 100,0% concedido a funcionários públicos e aposentados do INSS. Enfim, mais uma vez a gente, quer dizer, esse é um segmento de clientes que está, digamos assim, na comparação com demais, com outros agentes da economia, menos exposto aos efeitos da crise. E o terceiro ponto, nós não temos, ao contrário do que aconteceu lá em 2015, 2016 quando o Banco do Brasil tinha uma exposição superior na faixa, na vigência dos R\$100,0 bilhões, valores históricos, valores de lá, em pequenas e médias empresas, agora nós temos uma exposição bem menor, em torno de R\$46,0 bilhões e enfim, com clientes sofrendo bastante em anos recentes com essa carteira, os clientes que estão maduros praticamente todos, ou mais de 90,0% tem uma relação com o Banco do Brasil de mais de cinco anos. Por que é que eu estou mencionando isso? Porque a gente acha que esses são aspectos que deixam, que fazem com que as nossas carteiras de crédito nesse momento difícil da economia, não ignoramos isso, nossa carteira de crédito se mostra na nossa percepção razoavelmente protegida na comparação com a carteira de outras instituições. É uma leitura que a gente tem. Bom, sobre provisionamento, o Daniel já mencionou, foi mencionado antes. Seguindo as



melhores práticas, nós vimos uma mudança significativa acontecendo agora no final do trimestre passado, infelizmente para pior, e então nós nos antecipamos e fizemos uma provisão extraordinária, um pouco acima de R\$2,0 bilhões. Eu diria o seguinte, que é razoável considerar a hipótese de que a gente necessite fazer algum aporte extraordinário, tá, olhando para frente. No momento, o melhor número que a gente tinha era esse, nós fizemos e assim como eu acredito a maioria das outras instituições, a gente vê um ambiente muito incerto e não sabe...É difícil auferir a duração com a intensidade da crise. Então, a gente tinha um melhor número naquele momento. Então vamos começar com esse. À medida que o tempo for passando, a gente for agregando novas informações e assim como todo mundo a gente possa ter uma leitura mais clara do cenário que se avizinha, a gente pode reforçar essas provisões e faremos, se for necessário. Sobre a Previ, bom, nos últimos semestres, o nosso capital principal foi bastante pressionado pelo recuo da curva de juros. Olhando a curva de juros como uma curva de nível, e ela de fato ela é uma curva de nível, ela se deslocou para baixo. E isso também no vértice lá do *duration*, do passivo atuarial da Previ que é em torno de 12, 13 anos, então nesse não tem vértice, digamos assim, muito líquido, mas nesse vértice também houve esse deslocamento para baixo e foi penalizando o capital do Banco, eu diria fortemente nos últimos semestres. Nós tivemos, e isso foi comunicado a vocês, impactos fortes. No 1T do ano passado nós tivemos um impacto forte e no 2T do ano passado nós tivemos também um impacto forte no capital. Mas, assim, é natural nesse tipo de processo que à medida em que ele avança, o espaço para deslocamentos adicionais da curva de juros vai se reduzindo e, de fato, ela saiu de pouco tempo lá de 14-15,0% e veio para 3-4%, a taxa da SELIC, jogando para taxa básica. E houve também uma queda dos prêmios de risco. É, mas, enfim, na medida que a taxa se aproxima de zero, e isso aconteceu, o espaço para um deslocamento paralelo na curva de juros como um todo diminuiu e, nada obstante, o Banco Central ter reduzido ainda a taxa de juros recentemente, houve uma espécie de empinamento da curva, o deslocamento na ponta curta cai, porque na medida que o Banco Central corta a SELIC ele traz naturalmente a curva para baixo, mas a curva mais longa tem se deslocado para cima. Daí o fato de nós termos, quer dizer, mais recentemente o impacto do passivo atuarial no capital do Banco ter sido ligeiramente positivo, ao contrário do que aconteceu como eu mencionei nos trimestres anteriores. Sobre a metodologia, nós não estamos fazendo nada diferente do que a gente fez no final do semestre passado e no final do semestre deste ano. A gente procura de acordo com a norma, usar os vértices mais líquidos possíveis na curva de juros, onde há mais liquidez, onde houver menos distorção de preços, onde os mercados forem mais líquidos, a gente vai tentando construir uma curva de juros que, digamos assim, mais



fidedignamente represente o custo do dinheiro no tempo, que é o que a norma, o CPC recomenda, que deva ser usado uma taxa de juros que represente o custo do dinheiro no tempo. Na minha maneira de ver, teoricamente, eu acho que o conceito que se aproxima disso que a norma do CPC recomenda seria a taxa neutra de juros da economia. E se alguém me perguntasse: o que é que representa o custo do dinheiro no tempo? Principalmente, no passivo desde 50 anos, seria a taxa neutra de juros da economia que é um conceito fácil de entender, mas duro de medir, também. Mas a gente procura seguir essa recomendação da norma, usar os vértices mais líquidos na curva de juros, os títulos mais líquidos, e na medida do possível tenta inferir o que seria uma taxa mais aderente possível, dada as limitações que o nosso mercado tem, bastante volátil, em alguns vértices pouco líquido, uma taxa aderente do custo do dinheiro no tempo. Está bom? Daniel, não sei se você quer acrescentar alguma coisa?

DANIEL MARIA - Sim, eu queria só fazer algumas observações, complementando a exposição. Acho que o CH já deu uma boa cor da resiliência da nossa carteira, e principalmente essa provisão que nós fizemos nesse 1T, ela tem caráter prudencial porque, basicamente, nós olhamos para os créditos que nós tínhamos, algum nível de atraso e a gente fez um agravamento de risco. Então aquilo que a gente tinha visibilidade de casos, a gente foi lá e agravou esse risco. Isso foi marcado pelo cliente. Então quer dizer, tanto que vocês observam aquela tabela de migração de riscos, vocês veem que aumentou a nossa provisão em risco H. Um outro ponto que o Banco fez de caráter prudencial é, apesar do Banco Central permitir uma liberalidade das instituições de congelar o rating das operações que foram prorrogadas, o Banco do Brasil fez o agravamento. Só colocando, deixando mais claro. Todas as vezes que você faz uma prorrogação, você agrava o rating e, ao agravar o rating você requer mais provisão. Então o Banco seguiu a regra normal e não se utilizou dessa prerrogativa. Quer dizer, foi assim que foi construída essa provisão de R\$2,0 bilhões. Agora nós temos pela frente um choque na economia que não tem precedentes. Fatalmente, novas provisões podem ser necessárias. E a gente não tem nenhum problema em fazer do mesmo jeito que nós fizemos. Então, essa característica de visão proativa e prudencial é o que você pode esperar do Banco. E eu acho que o CH colocou muito bem sobre a resiliência comparativa da carteira do Banco dada a sua composição estrutural. Um outro ponto que eu acho que é importante, é sobre essa questão da Previ e eu acho que o CH explorou muito, o que é esse processo de você fazer essa marcação. O modelo que a gente utiliza para identificar a taxa de desconto, considera algumas variáveis como por exemplo falta de liquidez em alguns pontos. Então normalmente você considera papéis de renda fixa e papéis como NTN-B. Você tem modelos econométricos para fazer ajustes, o que for



necessário, justamente descontando esses aspectos fiscais que trazem distorções. Normalmente, a NTN-B é uma boa proxy para essa taxa de desconto. Entretanto, principalmente quando você tem choques no mercado, você tende a ter distorções. E distorções originadas pela liquidez. Lembrando que a NTN-B, nos vértices longos, tem menos liquidez. Então, por conta que o CH comentou, de você encontrar, o que a norma diz é que você precisa encontrar a taxa real da economia. E vem todos os ajustes. Então, por isso que você deve saber a diferença entre a NTN-B e a taxa efetivamente colocada, porque nos choques ela é uma boa proxy, mas você tem esse deslocamento.

CARLOS HAMILTON – Eu só queria adicionar um, digamos envelopar esse ponto do Daniel. Você pega só um tipo de título. Vocês já construíram curva de juros com base em títulos privados, títulos públicos, o que tem na economia? O que se espera, em geral, é que essa curva seja bem comportadinha, ou seja, que a taxa mais longa seja maior, exceto em situações mais...não vamos entrar aqui nesse debate, períodos mais longos contemplam taxas mais longas. É o que a doutrina, o que a teoria nos ensina. Pois bem, às vezes você pega só um tipo de instrumento, você começa a ter uma curva, tem uma espécie de, parece mais uma cobra, ela não é bem comportada, tem como um camelo, tem lá aqueles altos e baixos, e isso não seria a melhor, o desejável. Então o que a gente faz, enfim, na medida do possível procura os instrumentos mais líquidos disponíveis do mercado, de forma que a nossa curva seja a mais bem comportada possível. Inclusive para esse período da duração do passivo atuarial da Previ, para tentar chegar, como eu disse, numa taxa que seja o mais aderente possível àquilo que seria o custo do dinheiro no tempo. Mas é isso, obrigado.

MARCELO TELLES - Muito obrigado pelas respostas.

OPERADOR - Nossa próxima pergunta vem do Sr. Jorg Friedemann, do Citibank.

JORG FRIEDEMANN - Obrigado pela oportunidade. Também tenho duas perguntas e também sobre os mesmos temas na verdade, vou continuar nos temas de qualidade e do atuarial. Primeiro, na parte de qualidade, eu queria explorar um pouquinho mais se possível a deterioração que aconteceu na parte de pessoa física. A gente percebeu que isso se concentrou basicamente na carteira de financiamento imobiliário e cartão de crédito. Juntas essas carteiras representam um pouco mais que 45,0% total. Eu percebi que vocês fizeram uma movimentação grande na carteira de pessoa física, na classificação da 282 para H, mais de R\$2,0 bilhões em relação ao trimestre anterior. Então se vocês pudessem primeiro falar um pouquinho para gente quais as perspectivas dessas carteiras que estão em processo de deterioração, vocês acreditam que vocês já fizeram um movimento dessa parte mais problemática da carteira com 100,0% de provisão. Estão me ouvindo? Desculpe.



PALESTRANTES - Sim, sim, perfeitamente.

JORG FRIEDEMANN - Perfeito. Se vocês já migraram toda essa carteira problemática para 100,0% de provisão no H ou se vocês acham que ainda tem mais por vir até entender um pouco mais se foi uma safra específica dessas carteiras. E a minha segunda pergunta: no atuarial, vocês fizeram marcação do financeiro, mas vocês não fizeram a marcação total. Então na Previ, você ainda vai ter que fazer o cálculo atuarial total que vai contemplar uma revisão das atuariais, que acredito seja pequeno o efeito, mas além do efeito que por ventura possa existir na parte do ativo eu gostaria que vocês explorassem um pouquinho se tem alguma coisa mais relevante a ser marcada por tabela atuarial na opinião de vocês. E, principalmente, na CASSI, se existe uma mudança na percepção de demanda, de atuarial, dada a sinistralidade, que certamente vai aumentar nesses períodos de crise sanitária. Então só entender o que vocês acreditam o que está por vir, dado que eu entendi da resposta anterior que mesmo que continue havendo algum tipo de variação na curva durante esse período provavelmente não vai ser refletido na taxa de desconto, porque vocês acreditam que o que vocês já estão usando reflete melhor o período de crise. Até se vocês puderem corroborar esse meu entendimento, seria bom. Muito obrigado.

CARLOS HAMILTON - Daniel, já você continua, o que eu coloquei na questão anterior, eu não vejo, eu não estou afirmando, eu não afirmei que não vai haver mudanças na taxa. Esse tipo de capacidade eu não tenho, de projetar isso, como vai estar a taxa daqui três meses, quer dizer no final do semestre. O que eu coloquei, talvez eu não tenha me feito entender corretamente, eu peço desculpas, é que eu vejo, que a curva de juros já cedeu muito. A curva de juros foi cedendo, cedendo, chegou uma hora que houve um espaço, um espaço que é imediato, o espaço para deslocamentos para baixo da curva de juros como um todo semelhante ao que a gente viu no 1S do ano passado, no segundo semestre do ano passado, foi muito mais limitado. E aí, não estou falando nada que não seja do conhecimento de todos, tá? Só estou chamado a atenção para esse ponto. Na medida que a curva ceder muito, o espaço para deslocamento da mesma magnitude que a gente viu no 1S do ano passado é muito normal. E de fato, o que que tem acontecido mais recentemente? A taxa básica vem cedendo e por conseguinte, a taxa de curtíssimo prazo, ela traz junto, isso é inexorável, mas a taxa longa, ela tem seguido outra direção. Antes de ir nas duas juntas, a taxa de curto prazo, a taxa de um dia que o Banco Central controla trazia junto o resto. Agora o Banco Central traz a taxa de curto prazo para baixo, mas a taxa longa está seguindo numa outra dinâmica. Isso é um ponto. No outro ponto que eu mencionei, que a gente procura usar os instrumentos disponíveis mais líquidos, os que nos permitam a chegar a uma taxa o mais próximo possível, que represente da melhor maneira o custo do



dinheiro no tempo. Mas assim, é evidente que pode haver mudanças na taxa ao longo do tempo. Desculpe se eu de alguma forma eu sinalizei isso. Agora eu acredito que as mudanças não serão na mesma magnitude do que a gente viu em semestres anteriores. Isso sim, tá bom? Daniel, você quer elaborar? Sobre a deterioração. Já que eu tomei a palavra, depois o Daniel complementa sobre a questão do crédito PF. Eu só queria lembrar que já há vários trimestres, há várias apresentações que a gente fez, nós vínhamos comunicando a vocês que havia, que estava em curso uma estratégia de mudanças de mix da carteira do Banco, com foco nas operações com melhor relação risco / retorno. Isso foi feito. Isso teve continuidade, privilegiando carteiras de pessoas físicas e carteira MPE, principalmente. Mas era, digamos assim, nessa nossa estratégia, independente de covid, independente desse choque que aconteceu, seria razoável imaginar que houvesse algum crescimento na inadimplência, o que não significa, digamos assim, que essa estratégia não fosse correta. Nós focamos no segmento que a gente identificava a melhor relação risco / retorno. Eventualmente, poderia ter algum reflexo não muito grande, mas teria sim, num crescimento da inadimplência. De forma que eu não sei se de um modo geral, pegando o indicador agregado para pessoa física e isso pode em parte ter sido reflexo dessa estratégia, quer dizer, não foi algo totalmente inesperado. Mas eu vou passar para o Daniel, para ele complementar.

DANIEL MARIA - Sim. E até porque o CH quando a gente olha, principalmente, a carteira imobiliária, ela está mais ou menos flat no último ano, mas ela foi a que mais contribuiu com a inadimplência dando um salto no último trimestre de aproximadamente 71bps.

CARLOS HAMILTON – OK, Jorg. Daniel, você tem mais, quer complementar?

DANIEL MARIA - Tenho sim, obrigado Jorg pela pergunta. Até trazendo essa linha que o CH colocou e respondendo a sua pergunta, o movimento da INAD da PF, você tem mais de uma razão. Você tem a carteira de imobiliário. E a carteira de imobiliário principalmente, quando a gente fala 40,0% está exposto, é o baixa renda, e certamente é um setor mais vulnerável e você tem impactos derivados principalmente de um cenário mais desafiador. Você tem essa mudança de mix que o CH bem colocou e uma vez que você aumenta a participação, apesar de ainda ser pouco representativa no total da carteira pessoa física, é natural que você suba alguma coisa na inadimplência. Mas isto está precificado. Em um outro ponto também passa até por sazonalidade, porque normalmente dentro da carteira, tem a carteira renegociada de pessoa física que a gente observa alguma elevação na inadimplência nos trimestres ímpares, normalmente no primeiro e no terceiro trimestre. Então isso é um movimento natural. Quer dizer, a combinação de todos esses fatores



explicam isso. Agora, eu só queria fazer uma observação que eu achei bem importante em especial dessa carteira imobiliária. Lembrando que no 4T19, nós fizemos uma provisão extraordinária, e dessa provisão extraordinária, nós fizemos uma boa parte dela destinada a essa carteira imobiliária. Porque naquele momento a gente via uma criação de empregos, mas muitos dos empregos mais com característica informal e alguma possibilidade de atraso por conta disso. E agora com o choque aumentou a probabilidade. Então, por isso que você observa um aumento da INAD, mas isso já está provisionado. Eu diria que por conta disso tem uma maior probabilidade sim de que parte dessa carteira tenha um *write-off* que já está provisionado lá para o finalzinho de junho, início de julho. Entre 2T e 3T. E aí você tem um cenário mais desafiador e certamente a gente vem acompanhando essa carteira com cuidado. E isso pode ser que demande um pouco mais de provisão. Esse é o primeiro ponto. Antes de entrar para a segunda, segunda questão, tudo bem? Nesse ponto Jorg, ou há alguma questão ou algum ponto ficou pendente nessa questão?

JORG FRIEDEMANN - Não, nessa questão acho que está bem endereçado. Acho que é só entender se há alguma safra que causou mais esse movimento ou se foi um movimento que é na carteira toda por conta desse aspecto mais estrutural de desemprego e concentração na baixa renda como você mencionou?

DANIEL MARIA - Ele está mais concentrado nessa carteira de baixa renda que a propósito você vê que essa carteira está mais estável. Quando a gente fala do atuarial, foi importante você ter lembrado disso, porque a forma como nós fazemos a marcação do atuarial com o atuário, com uma empresa externa, e tudo mais, duas vezes por ano. Isso acontece em junho e acontece em dezembro. O que acontece com maior volatilidade no mercado, a gente vinha conversando com o mercado que esse era um setor de risco que nós acompanhávamos com muito cuidado. O que que nós fizemos? Quando você tem maior volatilidade, você encurta o período para avaliação. Então o que nós fizemos, nós trouxemos algumas variáveis e algumas variáveis materiais que nós fizemos atualização. Uma delas é a taxa de desconto do passivo da Previ e do passivo das obrigações da Previ, das obrigações da CASSI, e nós atualizamos os ativos, o comportamento dos ativos. Quer dizer, com esse processo a gente suavizou o impacto, porque seguindo essa tendência nós teríamos impacto positivo no final de junho. E nós suavizamos isso. As outras variáveis, eu diria que elas tendem a ser mais estáveis. É muito difícil, principalmente nesses momentos, você falar o que vai acontecer amanhã. Então eu diria que as variáveis tendem a ser mais estáveis. Então os outros ajustes, eles tendem a ser menores. Agora um ponto que o CH colocou que eu acho que é bem importante, olhando para dinâmica das marcações, e a gente mostra isso no teste de sensibilidade que a gente traz até lá no relatório de riscos, é



a curva. Uma vez que a curva inclinou, isso acaba reduzindo o valor presente dos passivos. Só que a probabilidade é que essa curva fique alta nos déficits mais longos. É esse o ponto que o CH colocou que eu acho interessante. Então, combinando tudo isso com a visibilidade que nós temos hoje, a tendência é que os ajustes sejam mais pontuais. Sabendo que, novamente, a gente tem uma, não dá para afirmar que efetivamente será pontual, mas tende a ser pontual. Ficou claro, Jorg?

JORG FRIEDEMANN - Ficou sim. Eu estava mais preocupado na questão lá da CASSI, que poderia ter uma mudança na percepção de sinistralidade e isso levar a ajustes maiores no risco da CASSI por conta da crise sanitária. Mas me parece que não, nem isso é um fator de preocupação hoje.

DANIEL MARIA - Na verdade, a composição da CASSI é que o Banco ele tenha um compromisso pós emprego pra manutenção do plano de saúde. Então a tábua atuarial, você pega a tábua de sobrevivência dos dependentes e dos participantes da CASSI e é essa que é a obrigação que se coloca para frente. Então, ele não está vinculado às atividades da CASSI, mas ele está vinculado à população que é coberta pela CASSI. Então, eu diria que isso depende muito da tábua atuarial. A minha percepção é que ela tende a ser mais estável, e ela costuma a ser mais estável no curto prazo.

CARLOS HAMILTON – Daniel, isso é uma conversa mais dura, digamos assim, num cálculo meio duro de se fazer, o covid, ele tem um impacto sobre CASSI, ele reduz, digamos assim, ele antecipa a morte de algumas pessoas. Então, olhando numa perspectiva, talvez o impacto ao longo do tempo sobre a CASSI seria de diminuir. Entendeu? Eu não quero elaborar muito sobre isso, porque é uma conversa difícil para qualquer um de nós. Mas eu veria dentro dessa perspectiva, você pode ver aí nos jornais uma pessoa de 40 anos que faleceu, pudesse a expectativa de vida dessa pessoa fosse 70, por exemplo. Então talvez eu acho, o que eu quero chamar a atenção que há forças e contra forças nessa argumentação. OK?

JORG FRIEDEMANN – Perfeito. Obrigado.

CARLOS HAMILTON - Abraço.

OPERADOR - Nossa próxima pergunta vem do Sr. Tomas Peredo, da BTG Pactual.

TOMAS PEREDO - Boa tarde a todos. Eu tenho duas perguntas, a primeira, a gente gostaria de entender um pouquinho mais como deve performar a margem financeira e o NIM nos próximos trimestres. A SELIC caindo no curto prazo, ela é positiva para o Banco por conta da dinâmica de pré na carteira versus funding mais pós-fixado como mencionado antes. E a inadimplência também deve ficar mais controlada no caso do Banco do Brasil do



que os principais peers. E dá para gente dizer que a margem financeira, ela pode ser até crescente nos próximos trimestres, comparado com o 1T? E um outro ponto é mais especificamente no funding, se o custo de depósito judicial caiu muito. Se teve alguma renegociação ou mudança aqui que vocês pudessem dar um pouco mais de detalhe para gente. E aí, a segunda pergunta seria enfim, o Banco, ele veio revisando e baixando as taxas na administração de fundo de renda fixa, e com a SELIC agora a 3%, a gente deve esperar novos ajustes para frente? Como isso deve impactar o resultado de asset management do Banco? Obrigado.

CARLOS HAMILTON - Vou iniciar, Daniel, depois você complementa, por gentileza. Bom, sobre a margem financeira, eu acho que o resultado do 1T foi muito significativo, eu diria, quer dizer, se a gente fosse olhar só para o 1T, ficou bem acima do nosso guidance, que estava apontando para algo entre 2 e 5. Quer dizer, caso essa dinâmica tivesse segmento, era razoável imaginar que fôssemos ficar ao final do ano mais próximo do limite superior do guidance, do que do limite inferior. Parte disso tem a ver com volume, que houve de fato um aumento de volume em alguns segmentos, mais recentemente. E teve também, como já foi mencionado, juros da SELIC, sobre a queda da SELIC sobre os custos de captação. Bom, agora olhando para frente, você vê que vai continuar crescendo. Bom, eu acho que nós temos uma carteira que está razoavelmente bem estruturada. Quer dizer, crescendo nesse ritmo, certamente, não é razoável imaginar que aconteça. Quando você fala crescendo seria ano contra ano? Não entendi... talvez seja essa base de comparação?

TOMAS PEREDO - Não, era mais em relação ao 1T mesmo.

CARLOS HAMILTON - Em relação ao 1T, né? Difícil te dizer porque agora nós vamos ter um trimestre difícil, né? Agora esse 2T, fortemente impactado pela economia, então eu não queria me comprometer contigo com taxas de crescimento. Quer dizer, ano contra ano, certamente, nós temos aí, vamos ver números. Agora, trimestre contra trimestre, não. Daniel, se quiser passar uma leitura mais acurada, eu vou deixar para ele. Sobre a taxa de administração de fundos, a indústria como um todo, ela já vem sendo revisitada, já vinha sendo revisitada há algum tempo. Então o processo, é um processo que vinha em curso há algum tempo, quer dizer, as pressões sobre preços como já foi mencionada a questão da redução estrutural da taxa de juros, e estamos vendo a SELIC em 3, que era algo inimaginável há muito pouco tempo. Eu diria para vocês que há pouco tempo se você me perguntasse se a SELIC hoje estaria em 3%, eu te diria que não, mas ela veio aí, e pelos sinais do mercado, ela pode ir mais adiante. Tem também os novos entrantes, *fintechs*, essa questão tecnológica, digamos assim. Então, esse é um processo que já vinha



acontecendo e nós aqui estávamos atuando em resposta a esse novo mundo. Enfim, tendo continuidade, agora a SELIC continua caindo. Ocorre que nós temos tido também, em contrapartida a isso, um aumento de volume em alguns segmentos a gente tem, com o Banco tem conseguido aumentar o volume. Então assim, tem a questão de pressão sobre preços, a SELIC cedeu mais ainda, tem o aspecto concorrencial, mas o Banco também tem sido bem sucedido em aumentar o volume, em alguns segmentos. Enfim, indo direto ao seu ponto, a questão da redução no preço, o Banco no price setter, no price taker, tem que se ajustar às condições de mercado. Mas nós também temos ferramentas e estamos sendo bem sucedidos em aumentar o volume em alguns segmentos desse mercado. Daniel.

DANIEL MARIA - Obrigado, CH. Eu tenho só um complemento com relação ao comportamento da margem financeira bruta. Eu acho que, como a gente vinha falando, que uma grande contribuição da margem financeira bruta é a redução do custo de captação, porque estruturalmente nós temos uma posição líquida, fixa para os ativos contra uma posição líquida com taxa variável para os passivos. Significa o seguinte: a partir do momento que você reprecifica a taxa básica da economia seu custo de captação cai no mesmo momento. Então, isso beneficia a dinâmica para MFB. O comportamento dos ativos, ele está intimamente ligado com opção implícita que você acaba tendo nesses empréstimos, porque uma vez que o empréstimo pode ser pré-pago a qualquer momento, normalmente quando cai a taxa básica, você tem maior propensão que os empréstimos com taxas maiores sejam pré pagos. Por outro lado, com a própria inclinação da curva e com o cenário, talvez você tenha menor níveis de pagamentos, de pré pagamentos que isso, de certa forma, também, em forma estrutural, acaba ajudando a margem financeira bruta. Entretanto, você tem alguns componentes, que eu acho da margem financeira bruta, que a gente não pode desprezar. Primeiro deles é o componente de tesouraria. A tesouraria, nós temos a questão do investimento da liquidez, certamente com uma SELIC menor você vai investir a liquidez a uma taxa menor, e as posições próprias de tesouraria. Quer dizer então, isso em grandes números dessa dinâmica da MFB, como o CH bem disse, é difícil de prever mas assim, dá para você entender qual é a dinâmica. E isso transferindo para margem para NIM, eu faço até um correção, uma leve correção que a gente vinha colocando com relação ao balizamento do mercado. A gente esperava uma margem financeira bruta, e por consequência uma NIM estável, para um gradual crescimento. Hoje eu diria que a gente é estável a um gradual decréscimo. Dependendo de como que essas variáveis vão se comportar. Mas certamente essa posição estrutural ela traz um pouco mais da resiliência para o comportamento da NIM, porque ela não reage no D0, ela tem movimentos que acontecem, alguns reagem no D0 e outros levam um pouco mais de tempo e dependem de



outros fatores. Ficou claro, Tomas?

TOMAS PEREDO - Sim. Esse ponto está perfeito. E aí, só o outro ponto com relação ao funding, a questão do custo do depósito judicial, se teve alguma renegociação, alguma mudança nesse ponto que ajudou no trimestre.

DANIEL MARIA - Nós tivemos um grande contrato relativo a depósito judicial e nós tivemos uma renegociação lá no ano passado. E a gente espera captura de parte desse valor, desse benefício para esse ano. Então, isso explica essa movimentação no depósito judicial.

TOMAS PEREDO - Perfeito, obrigado.

DANIEL MARIA - Eu até queria pedir licença a todos porque a gente está, por conta dos atrasos que nós tivemos, a gente está com tempo bastante apertado. E nós temos a nossa teleconferência em inglês. Então eu queria pedir licença para nós interrompêssemos essa teleconferência em português para passarmos para o inglês. Então, as perguntas que não foram feitas em português, nós levaríamos para o inglês, tudo bem? Eu queria passar então a palavra para o Carlos Hamilton para o fechamento, por favor, Carlos.

CARLOS HAMILTON - Obrigado, Daniel. Eu só queria agradecer mais uma vez a participação e a compreensão, enfim, dada hoje, a situação é muito diferente para todo mundo, então a gente de fato entende que a gente tem mais questionamento que o usual e houve um pequeno atraso. Eu queria agradecer a presença e a compreensão de vocês. E vamos convidá-los para ir para conferência em inglês. Vamos lá.

OPERADOR – A teleconferência do Banco do Brasil está encerrada. Agradecemos a participação de todos. Lembramos que o material utilizado nesta teleconferência está disponível no portal de relações com investidores na internet. Agradecemos a participação de todos e tenham um bom dia.